

FIEA Federação das
Indústrias do Estado
de Alagoas

IEL Instituto
Euvaldo
Lodi

PANORAMA ECONÔMICO

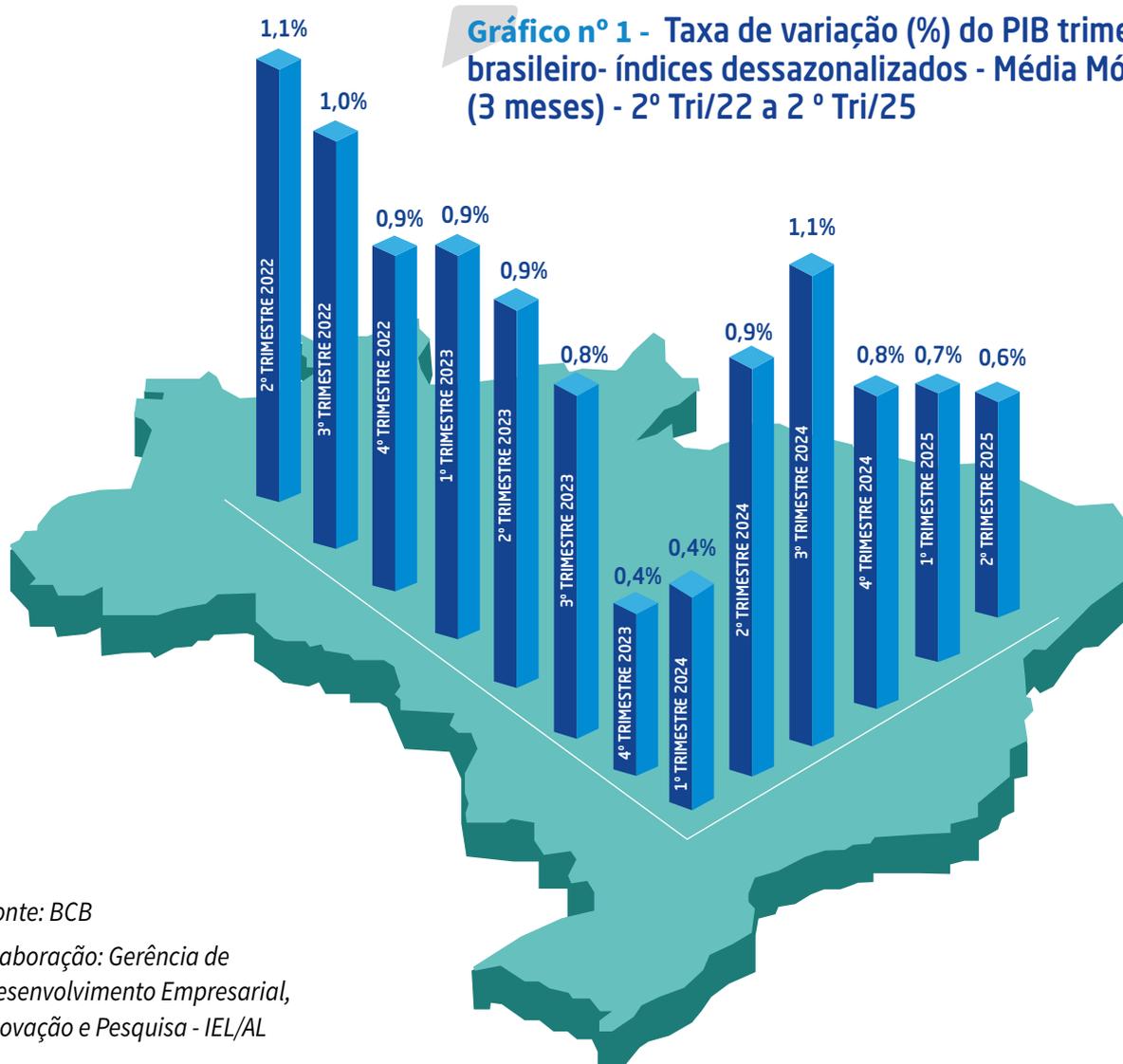
*Dados referentes ao mês de
Julho de 2025*



PIB do Brasil no 2º Trimestre de 2025

No segundo trimestre de 2025, o PIB brasileiro cresceu 2,2% em relação ao mesmo período de 2024¹, resultado inferior ao observado no segundo trimestre do ano anterior (3,3%). No acumulado dos quatro trimestres encerrados em junho, o crescimento foi de 3,2%, 0,5% acima dos 2,7% acumulados até junho de 2024. Já na comparação com o trimestre imediatamente anterior, ajustada sazonalmente, a expansão foi de apenas 0,4%, indicando um ritmo mais moderado de crescimento no curto prazo. Esses números mostram que a economia mantém trajetória positiva, mas com sinais de desaceleração (Gráfico nº1) em alguns componentes.

Gráfico nº 1 - Taxa de variação (%) do PIB trimestral brasileiro- índices dessazonalizados - Média Móvel (3 meses) - 2º Tri/22 a 2º Tri/25



Fonte: BCB

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

[1] [Indicadores IBGE](#)

Pela ótica da demanda, o consumo das famílias cresceu 1,8% frente ao mesmo trimestre de 2024, bem abaixo do crescimento de 5,1% verificado no segundo trimestre de 2024. A expansão foi sustentada por aumento da massa salarial real, maior disponibilidade de crédito e transferências governamentais, mas em ritmo menos intenso. No ajuste sazonal, o consumo avançou apenas 0,5%, sugerindo perda de tração no curto prazo. Esse resultado mostra que, embora o consumo siga como motor relevante, a contribuição tende a ser mais modesta.

O consumo do governo apresentou baixa variação interanual (+0,4%), também inferior à registrada em 2024 (1,2%). Na comparação com o trimestre anterior, houve queda de **0,6%**, o que indica retração do gasto público em termos reais. Esse comportamento está alinhado com a política fiscal mais restritiva, que busca conter pressões sobre o déficit e reduzir a expansão do gasto corrente. Assim, o setor público tem exercido papel neutro ou até contracionista sobre o crescimento.

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) cresceu 4,1% frente ao mesmo trimestre de 2024, resultado positivo, porém inferior às taxas de dois dígitos observadas em trimestres de 2024. No curto prazo, contudo, a FBCF recuou **2,2%** em relação ao trimestre imediatamente anterior. Isso reflete tanto a base de comparação elevada quanto a desaceleração da importação de bens de capital e ajustes nos investimentos privados.

No setor externo, as exportações de bens e serviços cresceram 2,0% em relação ao mesmo trimestre de 2024, enquanto as importações avançaram 4,4%. Embora positivas, essas taxas foram muito inferiores às registradas em 2024, quando as exportações

cresceram 4,3% e as importações 14,7%. No ajuste sazonal, as exportações avançaram 0,7% e as importações caíram **2,9%**, contribuindo positivamente para o PIB. Em síntese, o setor externo reduziu seu dinamismo interanual, mas desempenhou papel de amortecedor no curto prazo, aliviando a necessidade de financiamento da economia.

Pela ótica da oferta, a agropecuária foi o destaque: cresceu 10,1% em relação ao mesmo trimestre de 2024, revertendo a queda de **3,3%** registrada no ano anterior. No acumulado de quatro trimestres, a alta foi de 5,8%. Entretanto, na série ajustada sazonalmente, houve leve recuo de **0,1%** em relação ao trimestre anterior, sinalizando que o pico de crescimento pode já ter sido alcançado. Esse setor, portanto, apesar de decisivo para sustentar o crescimento agregado em 2025, tende a perder força nos próximos trimestres.



A indústria cresceu apenas 1,1% frente ao mesmo trimestre de 2024, contra 4,0% no ano anterior. No ajuste sazonal, houve alta de 0,5%, puxada pelas indústrias extrativas (+5,4%), mas com queda nas indústrias de transformação **(0,5%)**, na construção **(0,2%)** e em eletricidade e gás **(2,7%)**. O quadro é consistente com o ICEI²: a confiança industrial segue deprimida, com 41,9 pontos para condições atuais e apenas 48,3 pontos para expectativas, indicando que empresários percebem piora da situação recente e mantêm cautela em relação ao futuro. Essa falta de confiança ajuda a explicar a retração na FBCF e sinaliza risco de continuidade do baixo dinamismo industrial nos próximos trimestres.

O setor de serviços manteve crescimento de 2,0% frente ao mesmo trimestre de 2024, mas abaixo dos 3,6% observados um ano antes. No ajuste sazonal, houve alta de 0,6%, impulsionada por atividades financeiras (+2,1%), informação e comunicação (+1,2%) e transportes (+1,0%). **O comércio ficou estável, e a administração pública recuou (0,4%)**. Os serviços seguem como pilar estrutural do PIB, mas seu ritmo é compatível com expansão moderada do consumo e do crédito.

Em síntese, o PIB do segundo trimestre de 2025 confirma uma economia ainda em crescimento, mas com perda de fôlego. O dinamismo do período decorreu principalmente da agropecuária e, em menor medida, dos serviços, enquanto a indústria e o investimento perderam ritmo. A leitura do ICEI reforça essa interpretação: a confiança industrial abaixo de 50 pontos mostra que empresários não vislumbram recuperação consistente no curto prazo, o que tende a manter a indústria como elo frágil do crescimento. As tendências sugerem que o ritmo do PIB nos próximos trimestres será mais moderado, com taxa anualizada próxima a 2%, sustentada pelo consumo das famílias e por segmentos específicos de serviços, mas limitada pela fragilidade do investimento, pela perda de força da agropecuária e pelo pessimismo do setor industrial.

[\[2\]Índice de confiança do Empresário industrial - setembro2025](#)



Banco Central Sinaliza com *Selic a 15% em 2025*

A manutenção da Selic em 15% até o final de 2025 é hoje o cenário mais provável diante do balanço de riscos observado. O Banco Central sinalizou de forma clara que a taxa atual é compatível com a convergência da inflação para a meta, considerando as expectativas ainda acima do objetivo e a persistência de pressões em serviços. A prudência, nesse caso, busca preservar a credibilidade do regime de metas em um ambiente de elevada incerteza financeira, marcado também por condições externas restritivas e prêmios de risco elevados.

Apesar disso, alguns fatores poderiam abrir espaço para cortes marginais ainda em 2025. A apreciação cambial reduz a pressão inflacionária ao limitar repasses de importados e fortalece a ancoragem das expectativas, enquanto a moderação no crescimento econômico indica custos sociais crescentes de uma política monetária tão restritiva. Se a convergência da inflação para patamares mais próximos da meta se mostrar consistente, o Copom poderia avaliar uma flexibilização

limitada como forma de calibrar o grau de aperto, sem comprometer o combate à inflação.

Contudo, o mercado de trabalho apertado, com taxa de desemprego em 5,8%, indica risco de pressões salariais persistentes, restringindo a margem de manobra do Banco Central. Assim, mesmo diante da valorização cambial, a combinação de expectativas desancoradas e hiato do produto reduzido reforça a posição conservadora. Portanto, salvo mudanças significativas na dinâmica inflacionária, a tendência dominante é de manutenção da Selic em 15% até o fim de 2025, com eventuais cortes apenas condicionados a um cenário de maior desinflação e reancoragem clara das expectativas.

Esse conservadorismo, entretanto, tem custos pronunciados para a economia real. O prolongamento da política monetária em patamar tão elevado restringe o crédito, desestimula o investimento produtivo e retarda a retomada do crescimento, afetando principalmente as pequenas e médias empresas.

Em contraste, a indústria extrativa sustentou o crescimento agregado, com destaque para petróleo, gás e minério de ferro, que impediram uma desaceleração mais severa do PIB industrial. A perda de dinamismo fica evidente na comparação interanual: o avanço acumulado até julho caiu de 3,2% em 2024 para apenas 1,1% em 2025, com deterioração mais acentuada na indústria de transformação. Esse desempenho ilustra a assimetria entre setores ligados à demanda interna, penalizados pelo custo do financiamento, e os ligados a commodities exportáveis, que têm sustentado a atividade.³

Tabela nº 1 - Variação da Produção Industrial - Julho 2025 (%)

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,2	0,2	1,1	1,9
Bens de Capital	-0,2	-0,1	0,9	5,3
Bens Intermediários	0,5	2,5	2,2	2,4
Bens de Consumo	-0,1	-4,0	-1,3	0,2
Bens de Consumo Duráveis	-0,5	-3,4	6,4	9,6
Semiduráveis e não duráveis	0,1	-4,1	-2,6	-1,3
Extrativa Mineral	0,8	6,3	3,7	1,1
Transformação	-0,1	-0,9	0,7	2,1

Fonte: IBGE

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

[3] IEDI - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial



Tabela nº 2 - Índices de preços

Índice de Preço (%)	2024					2025							
	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
IGP-DI	0,12	1,03	1,54	1,18	0,87	0,11	1,00	-0,50	0,30	-0,85	-1,80	-0,07	0,20
INCC-DI	0,70	0,58	0,68	0,40	0,50	0,83	0,40	0,39	0,52	0,58	0,69	0,91	0,52
IGP-M	0,29	0,62	1,52	1,30	0,94	0,27	1,06	-0,34	0,24	-0,49	-1,67	-0,77	0,36
IPC-M	0,09	0,33	0,42	0,07	0,12	0,14	0,91	0,80	0,46	0,37	0,22	0,27	-0,07
IPA-M	0,29	0,70	1,94	1,74	1,21	0,24	1,17	-0,73	0,13	-0,82	-2,53	-1,29	0,43
INCC-M	0,64	0,61	0,67	0,44	0,51	0,71	0,51	0,38	0,59	0,26	0,96	0,91	0,70
IPC-FIPE	0,18	0,18	0,80	1,17	0,34	0,24	0,51	0,62	0,45	0,27	-0,08	0,28	0,04
INPC	-0,14	0,48	0,61	0,33	0,48	0,00	1,48	0,51	0,48	0,35	0,23	0,21	-0,21
IPCA	-0,02	0,44	0,56	0,39	0,52	0,16	1,31	0,56	0,43	0,26	0,24	0,26	-0,11

Fontes: Ipeadata e Bacen

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Tabela nº 2 e 3 - Indicadores de Confiança I e II

	Indicadores de Confiança I			Indicadores de Confiança II	
	Indicadores do Cenário Externo			Meses	Risco Brasil
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$		
AGO/24	3,76	72,95	2 580,52	SET/23	206
SET/24	4,21	74,14	2 674,35	OUT/23	202
OUT/24	4,28	72,65	2 699,11	NOV/23	200
NOV/24	4,53	73,05	2 629,95	DEZ/23	195
DEZ/24	4,56	79,06	2 861,00	JAN/24	201
JAN/25	4,56	76,32	2 883,00	FEV/24	210
FEV/25	4,25	73,05	2 951,00	MAR/24	207
MAR/25	4,46	62,45	3 265,00	ABR/24	212
ABR/25	4,53	64,41	3 287,00	MAI/24	211
MAI/25	4,28	65,62	3 355,00	JUN/24	229
JUN / 25	4,37	68,61	3 400,00	JUL/24	227
JUL/25	4,24	65,60	3 392,00		
AGO/25	4,07	66,86	3 711,00		

Fonte: Banco Central do Brasil/FED

Fonte: Ipeadata

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Tabela nº 4 - Indicadores de Confiança III

Meses	Indicadores de Confiança II						
	Taxa de Câmbio Fim de Período R\$/US\$ - Vendas	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses Mediana	Taxa de Juros Real Ex-Ant	IPCA nos últimos 12 meses	Taxa de Juros Selic (% a.a)	Taxa Real Esperada Selic (a.a)
AGO/24	5,66	11,74	3,87	7,58	4,24	10,40	5,91
SET/24	5,45	12,17	3,95	7,91	4,42	10,40	5,73
OUT/24	5,78	12,67	4,33	7,99	4,76	10,65	5,62
NOV/24	6,05	13,85	4,69	8,75	4,87	11,15	5,99
DEZ/24	6,19	15,39	5,12	9,77	4,83	12,15	6,98
JAN/25	5,83	14,95	5,80	8,65	4,56	12,15	7,26
FEV/25	5,85	15,03	5,50	9,03	5,10	13,15	7,66
MAR/25	5,74	15,09	5,00	9,61	5,48	14,15	8,22
ABR/25	5,66	14,48	4,90	9,13	5,53	14,15	8,17
MAI/25	5,71	14,64	4,88	9,31	5,32	14,65	8,86
JUN/25	5,46	14,69	5,10	9,12	5,35	14,90	9,07
JUL/25	5,60	14,76	4,31	10,02	5,23	14,90	9,19
AGO/25	5,43	14,36	4,18	9,77	5,13	14,90	9,29

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Fonte: Banco Central do Brasil

ELABORAÇÃO:
DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E PESQUISA - FIEA/IEL

GERENTE:
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

ESTAGIÁRIOS:
ÉRIKA GISELLA DE ALMEIDA SANTOS
KARINE FERREIRA DOS SANTOS
PABLO HENRIQUE COSTA FRANCIOLLY FONSECA
RUAN WESLEY DE BARROS SILVA
YUKI CÂNDIDO LYRA CALADO

ANALISTA:
MORGANA MARIA MACHADO MOURA

CONSULTORA:
DÉBORA JUSTINO DOS SANTOS

AUTOR DO TEXTO:
REYNALDO RUBEM FERREIRA JÚNIOR

DIAGRAMAÇÃO
YASMIN NAYARA DE ARAÚJO COSTA

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

DIRETOR REGIONAL
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

SUPERINTENDENTE
HELVIO BRAGA VILAS BOAS

GERENTE DE DESENV. EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E PESQUISA
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA

PRESIDENTE
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

1º VICE PRESIDENTE
JOSÉ DA SILVA NOGUEIRA FILHO

DIRETOR EXECUTIVO
WALTER LUIZ JUCA SÁ

GERENTE UNITEC
HELVIO BRAGA VILAS BOAS